

Guerra
causa
destruição
de 2 Igrejas

RIO REAL, Sergipe, 1576 (Urgente) — Duas igrejas destruídas, a morte de um chefe amigo dos jesuítas e milhares de índios escravizados — eis o balanço da guerra que o governador do Norte do Brasil, sr. Luís de Brito, resolveu fazer aos índios do Rio Real e da qual damos completa cobertura na página 8. Esta guerra foi travada à revelia dos jesuítas, que aqui se estabeleceram com o capitão Garcia D'Avila, como anunciamos na nossa edição anterior.

Rei proíbe trote dos estudantes

LISBOA, 20, julho, 1576 — (Sucursal) — Os alegres comícios, trotes e outras brincadeiras de estudantes de Coimbra estão proibidos, a partir de hoje, por ordem do rei de Portugal.

Em instruções que baixou ao conservador da Universidade, D. Sebastião pede a punição rigorosa dos que insistirem em perturbar a disciplina escolar com gracejos a colegas ou descortêsias aos mestres.

O sr. João da Costa, da chancelaria real, explicou-nos que o ato agora publicado se devia ao tumulto causado pelos estudantes mais velhos da universidade, há tempos, no pátio do colégio das Artes.

Sua Majestade, concluiu, quer evitar que haja represália dos estudantes de Arte ou que os fatos se repitam com relação aos mestres, que têm sido bastante atingidos pelas brincadeiras.

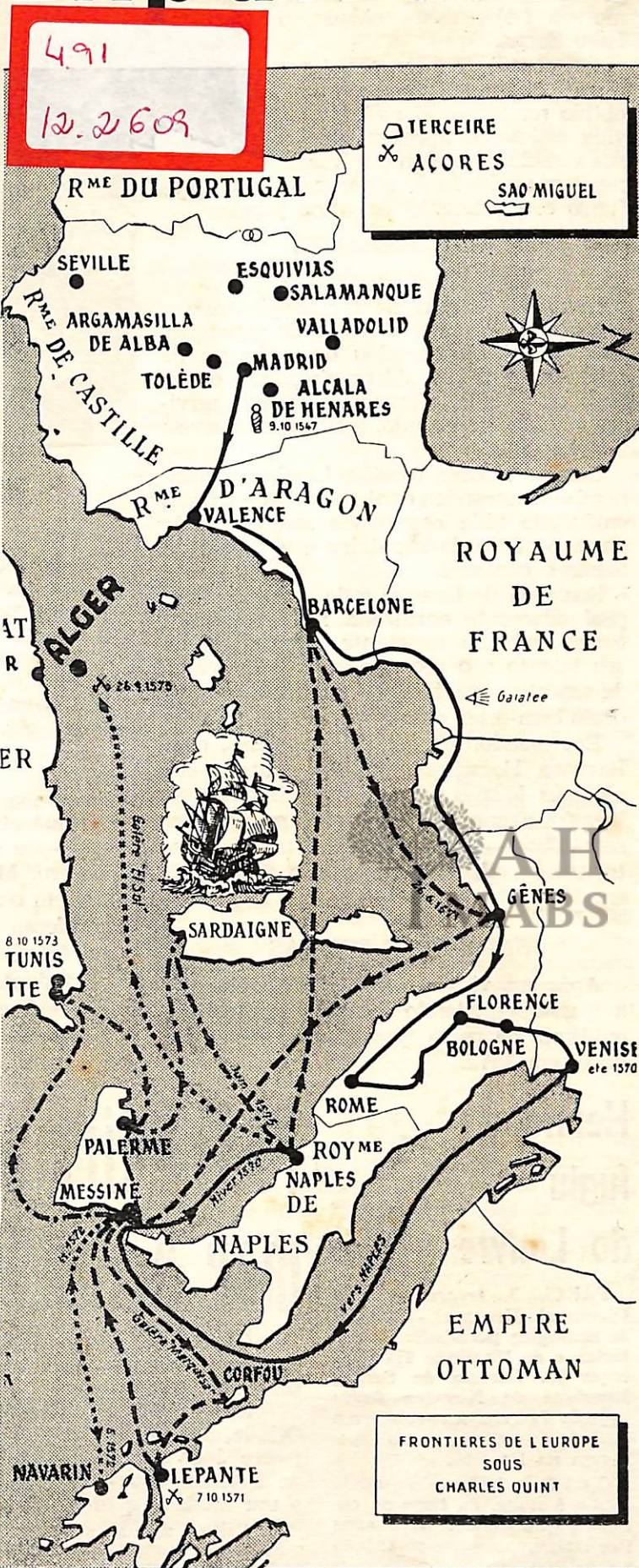
Papa quer reformar calendário

ROMA, 1576 (Correspondente) — O papa Gregório XIII está pretendendo fazer uma reforma do Martirológio Romano. Para tanto já nomeou uma comissão (onde figuram Sirleto e Barônio) que já está estudando o assunto.

Paralelamente pretende Gregório XIII empreender um trabalho de muito maior envergadura: a reforma do calendário. Esta reforma é reclamada, há séculos, por teólogos e matemáticos; e na última sessão do Concílio de Trento, recomendou-se ao Papa que resolvesse o problema.

Gregório, com real energia, convocou os calculadores desde 1570; e agora acaba de submeter, a uma comissão de estudiosos, a memória póstuma de Luís Giglio, apresentada por seu irmão Antônio. Essa memória é o resultado dos trabalhos da comissão e foi enviada aos príncipes e às Universidades de todo mundo, para que dêem o seu parecer.

Países Baixos Unidos Expulsarão Espanhóis



ONDE FOI PRÊSO O SOLDADO CERVANTES

Este mapa, elaborado na França com exclusividade para o O BRASIL EM JORNAL, mostra todo o itinerário feito pelo soldado e escritor Miguel de Cervantes Saavedra, até sua prisão por piratas turcos, em frente à Argélia. Este local está assinalado no mapa por um círculo. Os detalhes da captura da galera "Sol", em que viajava Cervantes, estão na página 5.

Pintura perde pintor: 100 anos, 300 quadros

Leia reportagem na terceira página

GANTE, 8, novembro, 1576 (Do enviado especial de O BRASIL EM JORNAL) — Os Países Baixos se uniram e resolveram expulsar os espanhóis. Para isso, os Estados de Brabante, Hainaut e Flandres — que são os mais ameaçados pelos invasores — e a Holanda e Zelândia assinaram hoje uma «pacificação».

O acordo, que continua admitindo Filipe II como soberano, exige: 1 — expulsão dos estrangeiros; 2 — supressão dos «placards»; restabelecimento dos antigos costumes; 3 — constituição de uma federação católica no Sul e protestante no Norte; 4 — regulamentação dos negócios do país e do exercício do culto na Holanda e Zelândia pelos Estados Gerais. Esta decisão dos Países Baixos foi tomada justamente quatro dias depois que os espanhóis saquearam Antuérpia, provocando a morte de sete mil pessoas e muita indignação entre os habitantes da cidade.

JOÃO, GOVERNADOR

Os Países Baixos terão agora novo governador, João de Áustria, irmão de Filipe II, que substituirá Luís de Requesens, morto em março deste ano, quando se propunha a acabar com o regime de terror naquelas regiões.

O nosso correspondente de Madri descobriu os planos que João de Áustria levou à Espanha, revelados a Filipe II pelo secretário de Estado Antonio Perez. Principal pretensão de João: invadir a Inglaterra, casar-se com Maria Stuart e tornar-se um grande príncipe.

(Noticiário completo na pág. 6)

o Brasil em Jornal

1576
N.º 29

"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"

Preço único
Cr\$ 15,00

Divisão falhou e rei unirá Brasil de novo

LISBOA, 30, novembro, 1576 (Urgente) — Ao partir rumo a Guadalupe, na Espanha, aonde vai avistar-se com o governante espanhol, Filipe II, para tratar da invasão da África do Norte por tropas luso-espanholas, o rei de Portugal, D. Sebastião, revelou a um alto funcionário de sua chancelaria que tomará, no regresso, importantes medidas relativas ao Brasil.

Sua Majestade apenas se referiu ao assunto sem dar mais pormenores.

Entretanto, na opinião dos especialistas da política exterior portuguesa, estaria nos planos do rei a anulação do decreto que dividiu o Brasil em dois governos.

Um porta-voz do conselho da coroa adiantou ainda que

a divisão territorial no Brasil trouxe todas as desvantagens esperadas e nenhuma das vantagens previstas.

Outro informante assegurou que o sr. Antônio de Salema, atual governador do Brasil-Sul, seria, em consequência, convidado a reassumir seu posto no desembargo de Lisboa, onde é juiz.

O Padre Gregório Serrão, procurador dos jesuítas em Roma, solicitou ao geral da Companhia um pedaço do Santo Lenho, «para consolação da província do Brasil, terra de Santa Cruz». Resposta: «Escreva-se para Viena para ver se lá existe. Havendo, conceder-se-á.»

Causou surpresa em Paris a fuga de Henrique de Navarra, do Louvre, pois toda a cidade sabia que o cunhado do rei Henrique III era guardado com todo rigor. As janelas de seu quarto tinham até grades de ferro.

Festa em Pernambuco: chegou em julho uma relíquia das Santas Onze Mil Virgens, trazida pelo provincial Inácio de Tolosa.

O geral dos jesuítas proibiu que os religiosos da ordem, no Brasil, abrissem casas ou colégios fora da zona portuguesa na América do Sul. Ao que se informa, os jesuítas ora no Brasil pretendiam ir até o Paraguai, onde se estabeleceriam.

Henrique de Guise, o «balafré», que é o chefe da Liga Católica, está sendo subvencionado por Filipe II, já que luta por causa muito cara ao rei da Espanha: o combate ao protestantismo.

A cidade de Santos, em São Paulo, por suas personalidades mais importantes, pediu para os jesuítas residirem ali. Por enquanto, a cidade só é visitada pelos missionários. Em consequência do pedido, os jesuítas propuseram ao Geral a mudança da residência de São Vicente para Santos.

O próprio Filipe II surpreendeu-se ao ver que em menos de 10 anos mandou três governadores — duque de Alba, Requesens e agora João de Austria — para os Países Baixos.

As mulheres brasileiras não poderão se confessar mais de uma vez por semana — acabam de determinar as autoridades eclesiásticas, que acham muito elevado o número de confissões femininas. O sistema, no entanto, continua o mesmo: homens se confessam na portaria, mulheres, na igreja.

Trecho de uma carta de Henrique de Navarra, quando ainda no Louvre, a um seu amigo, que nos mostrou: «a corte é a mais estranha que já vi. Nós estamos sempre prontos a cortar a garganta uns dos outros. O rei está tão ameaçado quanto eu. Só espero a hora de emprender uma batalha, porque eles dizem que me matarão e eu quero me antecipar.»

Jesuítas brasileiros avaliam em 20 mil o número de índios vindos do sertão para as aldeias, no biênio 1575/6.

Qualquer documento sobre o Brasil está tendo grande êxito na Europa. As anuas (cartas em que os jesuítas narram os acontecimentos de um ano) de 1576 serão traduzidas para o italiano, e colégios de Sienne e Loreto querem que elas sejam tidas ali, para os alunos.

O padre Gregório Serrão, procurador dos jesuítas do Brasil em Roma, recebeu nessa cidade o livro das Constituições e o de Decretos e Bulas. Ambos ditam normas do procedimento para jesuítas.

Em consequência dos decretos reais de 4 e 5 de janeiro último, D. Sebastião de Portugal concede aos jesuítas 2.200 cruzados de mantimentos e mais 500 cruzados para as fábricas de seus colégios.

Outra notícia do padre Gregório Serrão, que em Portugal tratou de obter aumento nas rendas dos colégios jesuítas do Rio e da Bahia. Ele está agora empenhado em localizar duas mulheres, irmãs do padre Luís de Mesquita, recém-falecido no Brasil. Motivo: padre Mesquita deixa uma grande herança e Serrão quer saber onde estão as herdeiras.

Rui morreu quando ia vice-reinar

Moçambique, 1576 — (Correspondente) — Morreu nesta cidade, quando ia para a Índia, onde tomaria posse no governo das colônias portuguesas do Oriente, o vice-rei Rui Lourenço de Távora.

Távora, que partira de Lisboa há tempos, estava aqui repousando de uma enfermidade contrada durante a viagem para o Oriente. Ao serem abertos seus papéis, verificou-se que o rei D. Sebastião havia apontado como seu substituto eventual na Índia o capitão Diogo de Meneses.

Até que seja escolhido novo governador, Diogo assumirá o poder, pois partiu para Goa um correio expresso levando a notícia da morte de Rui Lourenço.

Delegado do bispo para Rio

Roma, 2, janeiro, 1576 — (Sucursal, Urgente) — A pedido do rei de Portugal, D. Sebastião, o papa Gregório XIII dividiu o Brasil em dois bispados: um ao Norte; outro, ao Sul.

Altas fontes do Vaticano adiantaram, contudo, que o novo bispado sulino ficará, por ora, administrado por delegado da coroa no Rio de Janeiro.

O ato de Sua Santidade, baixado em julho do ano passado, só agora foi dado a público, embora de chancelaria a chancelaria, entre o Vaticano e Lisboa, houvesse, há muito tempo, percorrido todos os trâmites burocráticos.

Sapateiro - poeta morre com 82 anos de idade

NUREMBERG, 19, janeiro, 1576 (Correspondente) — Com 82 anos de idade e grande quantidade de obras literárias, morreu hoje, nesta cidade, o sapateiro Hans Sachs.

Ele compôs cantos populares, comédias e tragédias, mas o seu grande sucesso foi obtido na farsa. E as cenas realistas da vida cotidiana, apresentadas com toda a sua vivacidade e com um humor bonachão, revelam acuidade de observação e um profundo conhecimento da alma popular.

VIDA ERRANTE

Sachs era filho de um artesão de Nuremberg. Depois de ter freqüentado a escola, foi aprender o ofício de sapateiro, após o quê empreendeu uma viagem de aprendizagem pela Alemanha, indo de cidade em cidade, oferecendo os seus serviços e se aperfeiçoando, a fim de tornar-se um «Mestre».

Com o mestre tecelão Lienhard Nunembeck, aprendeu canto e poesia e passou então sua vida repartindo sua atividade entre o ofício de sapateiro e a escola de mestres cantores.

Sua vida de homem e de artista estava profundamente enraizada no artesanato; e seu trabalho constante, o prestígio de seu talento e o reconhecimento do valor de sua obra literária lhe valeram um modesto bem-estar e uma grande autoridade.

Era casado, em segundas núpcias, com Barbara Herschers, por ele cantada em algumas de suas poesias; sua primeira mulher foi Kunigunde Kreutzer, que lhe deu sete filhos — mas todos já estavam mortos por ocasião do seu segundo casamento em 1561.

SAPATOS E POEMAS

Após sua vida errante, Sachs retornou a Nuremberg, tendo escapado da terrível epidemia de peste que grassou nesta cidade, em 1572.

Henrique fugiu do Louvre

PARIS, 3, fevereiro, 1576 (Sucursal - Urgente) — Depois de conseguir permissão de Catarina e de Henrique III para caçar na floresta de Senlis, Henrique de Navarra fugiu hoje do Louvre, a cavalo, com a ajuda de amigos que o esperavam na floresta.

O rei ficou indignado quando soube, à noite, da fuga do cunhado, que durante três anos ficou rigorosamente guardado no palácio.

Notícias não confirmadas dizem que Henrique de Navarra se refugiou em Vendôme e vai juntar-se a Francisco, duque de Alençon, para comandar o partido huguenote. Para sua mulher Margarida, de quem não teve tempo de se despedir, deixou um recado com o sr. de Duras.

Suspeitando de que ela tenha organizado a evasão do marido, Henrique III prendeu sua irmã no quarto e colocou guardas à porta. Ele desconfia de que Margarida e o marido estejam conspirando contra o reino, em favor do duque de Alençon.



A Alemanha acaba de perder um sapateiro e um poeta: Hans Sachs

Em Nuremberg foi reconhecido mestre cantor e passou sua vida fabricando sapatos e poemas; autor fecundo, calcula-se que tenha escrito mais de 500 mil versos. E numerosos foram também os gêneros literários que cultivou: comédias, tragédias, psalmos, farsas, poemas, cânticos, diálogos etc.

SUA OBRA

Humanismo e reforma exerceram grande influência no espírito do sapateiro-poeta — e em 1523 ele compôs um Hino a Lutero. Mas, apesar de autor protestante, em sua obra jamais apareceu qualquer ofensa ao catolicismo.

As farsas do Carnaval, O Decameron, O Estudante Vagabundo, O Sonho do País de Cocagne, Sentenças Dramáticas, A Corte Real de Vênus, Lucrécia, Virgínia, — eis algumas de suas obras.

Padre firma pazes entre mar e rochedo em Olinda

OLINDA, 1576 — Um humilde e pequenino marisco acabou a briga do mar com o rochedo na grande capitania de Pernambuco.

As personagens do episódio, que se desenrolou em Olinda, são dona Brites de Albuquerque — a quem o padre José de Anchieta chama de governadora e mãe de Pernambuco — um figurão da alta roda de Olinda e um modesto padre.

D. Brites, não se sabe porque, esteve algum tempo brigada com o importante personagem olindense. A cidade se dividiu em dois partidos: o da governadora e o de seu adversário.

Nas ruas, nas igrejas, nas festas do colégio, ou se era a favor ou contra D. Brites. Güelfo ou gibelino. Mar e rochedo.

Um modesto padre resolveu tomar a peito a reconciliação de ambas as facções, a fim de apaziguar Pernambuco. Marcou encontro na casa de dona Brites, levou consigo o desafeto da governadora e, em poucas palavras, alcançou o que queria. Ao sair, estava tudo pacificado.

— Por compreensível modés-

tia do pacificador, não revelou seu nome, diz-nos, agora, o bispo D. Antônio Barreiros, a quem coube homologar a reconciliação. Mas o padre deu exemplo de compreensão e humildade cristãs e eu não me sinto obrigado a esconder a receita pacificadora: ser marisco entre o mar e o rochedo.

Aos jornalistas que lhe pediram mais detalhes, explicou o bispo: — O padre, diante de D. Brites e seu inimigo, ofereceu-lhes uma bengala. Se tinham vontade de castigar alguém, que o castigassem a ele, mas se reconciliassem depois. D. Brites e o fidalgo compreenderam a lição e se perdoaram todas as ofensas recíprocas.

Pintor que transformou pintura morre de peste

ENEZA, 27, agosto, 1576 — (Urgente — Correspondente) — Em sua bela casa no cais de Biri Grande, morreu hoje nesta cidade, vitimado pela peste bubônica, o pintor oficial da república de Veneza e autor de mais de 300 quadros espalhados por toda a Europa: Ticiano Vecelli.

Ticiano, que dizia ter nascido em 1476 — o que é refutado por seus amigos e admiradores — estava pintando uma «Deposição de Cristo» que se destinaria a seu próprio túmulo.

Aos primeiros sinais da enfermidade, interrompeu os trabalhos e o último quadro do grande pintor está inacabado.

Sua morte causou profundo pesar nas côrtes de Ferrara, Mântua, Madri, no Vaticano e em toda a república.

REVOLUCIONÁRIO

Ao saber da morte de Ticiano, o jovem pintor Palma, grande admirador do artista, se ofereceu para concluir a «Deposição» inacabada.

— Ticiano, disse ele, é amigo de minha família há mais de 40 anos. Quase foi meu cunhado. Minha irmã Violante foi um de seus modelos preferidos e aparece em seus mais belos quadros.

O jovem Palma salientou à reportagem que Ticiano era responsável pela revolução na pintura do século XVI.

— Ele e Giorgione criaram novo estilo, típico de Veneza. Até Leonardo e Rafael, a pintura tinha os claros e escuros nitidamente separados. Com Ticiano, criou-se o claro-escuro com matizes intermédios.

E sobre a técnica de Ticiano, disse-nos Palma:

«Ele começava preparando a tela com uma capa espessa de côr, como se trabalhasse os cimentos de uma construção. Depois, manchava com côres uniformes as figuras que compunham a cena. Assim preparava a obra, colocava-a contra a parede e não queria saber de vê-la durante vários meses.

Só depois de muito tempo, então, Ticiano, segundo ainda Palma, voltava a observar severamente a obra, eliminando, sem piedade, tudo o que lhe parecia defeituoso.

Ticiano era natural de Vecelli e filho do conde Gregório Vecelli.

De tenra idade revelou gosto pela pintura e seus familiares contam que pintava, fabricando tinta com ervas. Estudou com os irmãos Bellini e seu primeiro trabalho conhecido é o que realizou em 1502 para a família Pesaro. O responsável pela mudança da técnica de Ticiano, o pintor Giorgione, dizia para amigos que Ticiano era pintor antes mesmo de nascer. Ticiano pintou para o Fondaco dei Tedesco, por volta de 1511 e em 1516 foi feito pintor oficial da república.

O artista trabalhou para os duques de Este, Mântua, Ferrara e o imperador Carlos V, que lhe conferiu o título de conde palatino.

Em 1527, casou-se com Cecília de Cadore, de quem teve quatro filhos: Orazio, Pomponio, Cecília e Lavinia, a filha querida do artista.

Sua casa de Biri Grande era centro de reunião de artistas políticos e homens do mundo como Sansovino, Pedro Aretino e outros. A morte de sua mulher e de sua querida Lavinia, modelo da «Apresentação no Templo», fizeram do artista um homem triste até hoje, fim de sua longa vida.



Assim Ticiano se imaginava ser. Este auto-retrato é um dos vários que pintou

Índios vão pagar o que não devem

LISBOA, 4, janeiro, 1576 — Para habituar os índios ao sentimento de responsabilidade coletiva, o rei de Portugal, D. Sebastião, ordenou hoje que os indígenas brasileiros convertidos à religião católica paguem todos os impostos devidos pelos seus súditos.

— Mas esses impostos, decidiu o rei, não caberão ao Erário, como de praxe, nem sairão do Brasil. Ficarão para as igrejas e confrarias brasileiras.

A nova legislação vigorará por 6 anos (até 1581) e poderá ser renovada por igual período, se assim fôr conveniente.

Por outro lado, para evitar especulações, ordenou o soberano que os impostos sejam arrecadados por pessoa de confiança dos jesuítas.

Rei efetiva um interino de dez anos

Desagravo terminou carnaval

LISBOA, 25 fevereiro, 1576 (Sucursal) — Quando faltam apenas 5 meses para completar dez anos de efetivo exercício na curadoria dos índios do Brasil, o sr. Diogo Zorrilla, antigo alcaide do mar na Bahia, foi aprovado hoje pelo rei D. Sebastião naquele cargo e teve seus vencimentos anuais fixados em 30 mil réis.

Zorrilla, como informamos em nossa edição de 1566 (nº 24), foi nomeado interinamente para o cargo, em consequência do regimento de proteção aos índios baixado naquele ano pelo governador Men de Sá. É espanhol e está no Brasil há cerca de 20 anos.

Da chancelaria, que não justificou o grande atraso na nomeação, informaram que o rei a concedeu por serviços que Zorrilla prestou nas «guerras do Brasil».

PERNAMBUCO, março, 1576 — Olinda inteira saiu às ruas para acompanhar a procissão de desagravo que se seguiu aos festejos carnavalescos, de fevereiro último.

De cidades vizinhas, em cavalos, barcos ou carros de boi, uma multidão veio associar-se à solenidade com que os jesuítas olindenses dão por encerradas as alegres mascaradas do carnaval.

Após as ladainhas em tôdas as igrejas, o povo rezou, pelas ruas centrais da cidade, ao som da música de órgãos.

A propósito, recorda-se que a primeira procissão de desagravo no Brasil se realizou em Pôrto Seguro, no ano de 1553, quando um luterano profanou o Santíssimo Sacramento nas festas e palácios do rei D. João III em Lisboa.

ARTES PLÁSTICAS

Morreu este ano o pintor japonês Yakinobou, cujos quadros representam quase sempre cenas de festas, ou tratam, de maneira épica, os assuntos contemporâneos.

O arquiteto Andrea Palladio está trabalhando no plano do teatro que a Academia Olímpica de Vicenza lhe incumbiu de fazer. No ano passado, os «olímpicos» compraram várias casas que serão demolidas, e deram cada um no mínimo 40 ducados (alguns deram 100) para a construção.

O retratista italiano Moroni pintou este ano mais um retrato. Moroni é, talvez, o único pintor italiano que só faz retratos.

Os escultores Juan de Herrera e os irmãos León e Pompeo Leoni continuam trabalhando quase que só para o «Escorial», de Filipe II.

O soberano espanhol está tão preocupado com o seu palácio que, em pessoa, supervisiona as obras.

Germain Pilon, depois que foi nomeado controlador geral das efigies, em 1572, está revivendo em medalhas os Valois. A de Carlos IX, que tivemos oportunidade de ver, é uma lição de psicologia da História.

Dois pintores venezianos, por sinal amigos, estão trabalhando intensamente: Tintoretto, que é um dos maiores artistas de sua terra, além da grande obra começada em 1564, nos muros da Escola de San Rocco, não cessa de pintar para as diferentes igrejas da cidade, para particulares e para a República. Paulo Veronese, por sua vez, continua decorando o palácio Ducal. Os trabalhos da Sala do Colégio já estão bem adiantados e a Ante-Sala, onde os embaixadores esperam, ficou pronta este ano. É um detalhe desta obra que ilustra a nossa coluna de hoje.



«O Rapto de Europa», de Paulo Veronese

Antevéspera da catástrofe

O rei Sebastião de Portugal vai a uma nova aventura guerreira no Norte da África, em companhia de seu primo, Filipe II da Espanha.

Nesse momento, em Guadalupe, os dois soberanos acertam os passos sobre os destinos do Marrocos. A guerra virá, inevitavelmente. Não tanto por Filipe, que, a essa altura, deve estar saturado do jogo de jogar para perder na certa, mas por Sebastião, que não regateia preço para ligar seu destino ao de seus ancestrais soldados.

A guerra virá, convenha ou não.

D. Sebastião deixou em Portugal a armadura já lustrada para as batalhas com que sonha, mas que para seu povo são verdadeiros pesadelos.

O país inteiro sabe quanto lhe custará mais este capricho real. Não existe predisposição para a guerra, o Erário está exaurido, as colheitas serão fraquíssimas este ano e dá pena ver Lisboa, a outrora orgulhosa capital da opulência. Por toda parte, há andrajos, moléstias e um povo faminto que já não pode ocultar seu desencanto.

Nas escolas, o rei é o mote dos mais ferozes epigramas. A parte pensante da nação tem consciência da tragédia que está vivendo: Portugal ganhou impérios na guerra, mas, não se sabe por que maus fados, perdeu sua paz interna.

Chamem a isso crise de crescimento, como os áulicos, dêem-lhe os nomes que quiserem nesta antevéspera da catástrofe. A verdade é que o governo português não está à altura da situação e a voragem, de que ele é o grande responsável, vai acabar engolindo-o.

O môço Aviz não quer ver a paisagem desolada e desoladora que o cerca no país, onde melhor serviço faria — se servisse — a Deus e a seu povo. Vai, pois, à África jogar, talvez, o último bem que a nação ainda possui: a independência.

O espectro da Espanha, como há 200 anos, ronda Portugal, descontente — é verdade — com seu rei, mas aflito por vê-lo solteiro, sem sucessores e entregue de corpo e alma a uma aventura louca. O que se pode ganhar nesta guerra, vê-se logo, é nada perto do que se arrisca a perder.

Em Portugal, no Brasil, no Congo, na Ásia e Oceânia, portugueses de todas as castas pedem pouco a D. Sebastião — continuarem na nacionalidade de quase meio milênio.

ECONOMIA

O trajeto pelo mar entre Espanha e os Países Baixos está tão perigoso que nenhum comerciante quis correr o risco de fazer passar para aqueles países cerca de quatro milhões de ducados em metal amoeado que Filipe II queria mandar para os seus soldados.

Ainda como tentativa para melhorar a situação financeira dos soldados espanhóis nos Países Baixos, que estão se entregando aos saques, Filipe II obteve um empréstimo dos banqueiros Függer com transferência para Lisboa.

Terras do colégio de jesuítas em Pernambuco rendem à companhia cerca de seis mil réis anuais.

Castilha começou a perder este ano o domínio dos mares europeus. Se a situação evoluir, haverá em breve uma grande transformação econômica na Europa continental.

O Colégio de Pernambuco está com 80 cabeças de gado para fazer face à escassez de carne. O reitor do colégio planeja diminuir o abate para incrementar a criação, durante algum tempo.

O governo francês está preparando para o fim deste ano ou princípio do outro uma «ordem», que é uma séria tentativa para organizar a indústria e o comércio como serviço de Estado.

Segundo esta ordem, a economia nacional será regularizada em uma base que um economista classifica de «mercantilizada».

Preço do açúcar em Pernambuco: tipo branco ou mascavo — 400 réis a arrôba.

As três ordens — Nobreza, Clero e Terceiro Estado — que participaram dos Estados Gerais de Blois falaram, a certa altura, uma

Enriquecimento de vocabulário

Amigo nosso de Paris manda dizer que, agora, para ofender um francês não se precisa ir ao dicionário. Basta chamá-lo de italiano, que normalmente não ofenderia a ninguém, mas de repente passou a ser a mais depreciativa aquisição do vocabulário ofensivo francês. O mais estranho é que o enriquecimento semântico deste adjetivo deve-se ao rei Henrique III, que de gramático nada tem e de italiano mesmo só tem a mãe.

Como já é do domínio público, o responsável pelos destinos dos franceses tem hábitos bastante esquisitos: faz tricô, usa brincos, cose e vive cercado de «mignons», que são os rapazes de maior prestígio na corte do Louvre. Mas isso não surpreende mais. A novidade é que os parisienses (e por justiça é bom informar que não só os huguenotes) resolveram, com muita maldade, atribuir aos habitantes da península hábitos que, se não são desconhecidos lá, são muito mais divulgados na França e, no momento, com a colaboração real. Resolveram (a autoria ainda não foi descoberta) classificar de «maneiras italianas» os caprichos dúbios do rei Henrique.

O nosso informante não disse se já chegou algum protesto diplomático da Península. Talvez até nem haja guerra — o que esperamos sinceramente — entre os dois países por causa da expressão. Mas que ela já provocou muitas guerrinhas nas ruas de Paris, isso já, pois ninguém mais, principalmente os homens, nem mesmo os italianos autênticos, suportam ser chamados por um nome que comporta também um significado tão duvidoso.

mesma linguagem: elas recusaram conceder ao rei novos subsídios.

D. Sebastião concedeu às igrejas e confrarias todo imposto cobrado sobre os índios convertidos no Brasil. Até agora, tal imposto revertia para o Erário.

Na cidade de Lille, na França, onde o trabalho noturno, nas grandes indústrias, tinha sido permitido desde o ano de 1524, foi estabelecido, neste ano de 1576, que a jornada de trabalho somente poderá ser de 6 horas da manhã às 6 horas da tarde, com intervalo variável de 1 a 2 horas para o almoço.

O saque a Antuérpia, no dia 4 de novembro deste ano, deu o último golpe na prosperidade (aliás, comprometida há 10 anos) do porto que foi o principal entreposto e o grande centro financeiro do mundo.



HÁ DOIS MIL ANOS...

- 500 a.C — Construção do palácio de Persepolis — Êsquilo concorre pela primeira vez a prêmio teatral.
- 498 a.C — Primeira ode de Píndaro.
- 494 a.C — Criação do tributo da plebe.
- 493 a.C — Temístocles, arconte.
- 486 a.C — Revolta do delta contra os persas — Morte de Dario I.
- 484 a.C — Xerxes castiga os rebeldes do delta e faz aliança com Cartago. Ostracismo de Aristides.
- 481 a.C — Aliança de Esparta e Atenas.
- 480 a.C — Xerxes ocupa a Macedônia e Tessália. Combate nas Termópilas contra Leônidas. Cartagineses atacam gregos. Salamina.
- 479 a.C — Batalhas de Micala e Platéia.
- 478 a.C — Xerxes sufoca revolta na Babilônia.
- 472 a.C — Revoluções democráticas em Argos e Elida — Êsquilo escreve «Persas» — Ostracismo de Temístocles.
- 470 a.C — Nasce Sócrates.
- 467 a.C — Êsquilo: «Sete contra Tebas».
- 465 a.C — Xerxes assassinado — Novo rei: Artaxerxes.
- 460 a.C — Criação do concurso de comédias em Atenas.
- 450 a.C — Nasce Aristófanes.

O rei D. Sebastião de Portugal autorizou, com isenção de todos os impostos, o embarque anual de 3 pipas de vinho da Madeira, ou semelhante, e seis arrôbas de cera para os jesuítas do Brasil. Vinho para missa e cera para velas.

No momento em que a França se debate com uma séria crise econômica (veja a nossa seção do último número), causou grande indignação nos meios econômico-financeiros a notícia de que o rei deu a sua irmã Margot 53 mil escudos de ouro, como «subsídios extraordinários» para uma viagem cujos benefícios para a França são muito duvidosos.

Afirmam os mais indiscretos que o rei pagou muito caro para se ver livre da irmã por algum tempo.

O BRASIL EM JORNAL
R. México, 119, 12.º and.
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807

SEDE PRÓPRIA
End. Teleg. REFORMA - Rio

Direção
AMARAL NETTO
Assessoria
GUSTAVO BARROSO
JAYME COELHO
Redação
CLAUDIO SOARES
MARCOS DE CASTRO
RUBEM DE AZEVEDO LIMA
ZUENIR CARLOS VENTURA
WALTER CUNTO
Paginação
WALDYR FIGUEIREDO
Ilustração
ADAIL
Revisão
GABRIEL CHAVES DE MELO

Diretor-Superintendente
LUIZ PIETSCH JÚNIOR

São Paulo
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 32

ASSINATURAS (ANUAIS)
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 300,00
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 350,00

Cervantes agora é escravo: foi prêso

PARIS, 20, setembro, 1575 (Retardado-Sucursal) — O soldado Miguel de Cervantes Saavedra, que saiu ferido da batalha de Lepanto, foi prêso hoje perto de Saintes-Marie-de-la-Mer (costa francesa), quando a galera «Sol» em que viajava foi atacada e capturada por três navios turcos comandados pelo pirata Arnaute Mamí.

Cervantes e seu irmão Rodrigo, que também foi prêso, iam de Nápoles para a Espanha, aproveitando uma licença que o vice-rei, duque de Sessa, lhes dera.

RESGATE CARO

ARGEL, dezembro, 1576 (Do correspondente) — Rodrigo, Miguel de Cervantes e outros cativos foram trazidos para este porto pelo pirata turco Arnaute e vendidos ao sr. Ali Mamí, que, ao se apoderar das cartas de recomendação que Miguel levava para Espanha, elevou o preço do resgate.

Miguel e Rodrigo, no entanto, não estão recebendo os maus tratos dispensados aos demais escravos. Miguel tem até tempo — segundo o depoimento de um prisioneiro — para escrever.

No momento está trabalhando na fortificação do porto, sob os muros de Bab el Oued, e, além desta tarefa, cultiva os jardins de seu dono.

APELO AO SECRETÁRIO

MADRI, dezembro, 1576 (Sucursal) — Embora não confirmada, recebemos a informação, que publicamos com a devida reserva, de que o secretário de Filipe II, Mateo Vázquez, recebeu um apelo de Cervantes, para que o resgate o quanto antes.

Segundo ainda a mesma fonte, o resgate do soldado manchego custará de 400 a 500 escudos.

Morreu médico que leu sorte de Jesus

ROMA, 21, setembro, 1576 (Sucursal) — Morreu hoje o matemático e médico Jerônimo Cardan, que a Inquisição acusou de haver tirado o horóscopo de Jesus Cristo e sobre quem pairava ainda a pecha de plagiário.

Cardan, que tinha mais de 70 anos, morreu em paz com a Igreja mas não desfez a acusação de plagiário, feita por seu ex-amigo Nicolau Tartaglia.

O ilustre médico e matemático era natural de Pavia e em 1526 começou a exercer a Medicina em Pádua. Em 1534, obteve cadeira de Matemática em Milão. Três anos depois, escreveu um livro de grande sucesso, «Prática aritmética».

Com estilo confuso, enveredou por práticas astrológicas e em certa época exerceu Medicina de mistura com Astrologia. Em 1558, lançou «Metoscopia» (um tratado sobre morfologia humana).

Algum tempo depois, fez amizade com Tartaglia, que lhe ensinou a regra de resolução de equações de terceiro grau, sob compromisso de não a divulgar. Como o matemático Cipião Ferro chegasse, por outro caminho, à descoberta de Tartaglia, Cardan lançou um livro divulgando o método de seu amigo. Tal publicação desfez a amizade entre ambos e lhe valeu a acusação de plagiário. Em 1560, perdeu um filho, acusado de haver assassinado a mulher. Em 1570, foi prêso pelo Tribunal da Inquisição, por ter feito o horóscopo de Cristo.

Mais tarde, pôsto em liberdade, foi proibido de realizar conferências. Cardan deixa uma autobiografia, que é a confissão sincera de seu passado e de sua curiosa existência de visionário.

Potiguaras atacam em Itamaracá

Itamaracá, 1576 (Urgente) — Índios potiguaras, ajudados de elementos franceses não identificados, atacaram e destruíram uma fazenda próxima a esta cidade.

Apesar da vigorosa resistência, os assaltantes mataram 17 portugueses e brasileiros, em sua maioria trabalhadores braçais. Após o assalto, os selvagens se retiraram carregando utensílios agrícolas, armas e gêneros alimentícios.

Rei dá ilha para Ticho ver astros

COPENHAGUE, 8, agosto, 1576 (Correspondente) — O astrônomo Ticho Brahe fez colocar, hoje, na ilha de Hveen, a pedra fundamental de um castelo que terá o nome de Uraniborg e onde pretende instalar um observatório.

Toda a ilha pertence ao astrônomo, que a ganhou de presente do rei Frederico II, da Dinamarca; além desse valioso presente, recebeu Ticho Brahe uma pensão anual e um feudo na Noruega.

A informação nos foi prestada pelo próprio astrônomo, que nos adiantou ser pensamento do rei que ele instale, assim, o seu observatório na ilha.

— «Pretendo passar, aqui, o resto da minha vida e reencontrar os estudos que venho fazendo há muito tempo».

Como se sabe, Ticho Brahe foi o descobridor, em 1572, quando saía de seu observatório particular, de uma nova estrela, que foi objeto de sua primeira obra «De Nova Stella, anni 1572». Mais tarde, fundou, a instâncias do rei, um curso de astronomia na Universidade de Copenhague, deixando o país no ano seguinte para só voltar agora, depois de um novo convite de Frederico II.

Novo bispo quer ajuda de jesuítas

OLINDA, maio, 1576 (Correspondente) — O novo bispo do Brasil — terceiro — frei D. Antônio de Barreiros, que aqui se encontra hospedado no colégio dos jesuítas, revelou à imprensa ter grande simpatia pelo país sede de seu bispado.

— Um meu irmão é jesuíta; e como aqui há muitos padres da Companhia de Jesus, aceitei de bom grado o serviço de Deus no Brasil.

D. Antônio, que foi escolhido no ano passado para suceder a D. Pedro Leitão e acaba de chegar a Pernambuco, é monge de Aviz e seguiu breve para Salvador, sede do bispado.

Seu programa inclui a mais estreita colaboração com os jesuítas na obra de assistência social, religiosa e cultural ao povo brasileiro.

Pretende visitar pessoalmente as aldeias indígenas e batizar e crismar os silvícolas.

Teatro progride em Londres

LONDRES, 1576 (Sucursal) — Com a formação da companhia teatral do conde de Sussex, eleva-se a cinco o número de companhias teatrais regulares que dão espetáculos na capital e nas províncias.

Inegavelmente deve-se à rainha Elizabeth o progresso do teatro entre nós, já que outra coisa não tem acontecido desde que assumiu o trono.

James Burbage foi o primeiro, com a permissão da rainha, a estabelecer uma companhia regular de atores, que por todo o reino exerceram sua arte de representar comédias e tragédias, não só para deleite da rainha como também para recreação de seus súditos fiéis.

Desta primeira companhia regular, partimos para outras: a de Lord Leicester, que obteve a licença real em 1572; a de Sir Robert Lane, em 1574; a de Lord Clinton, no mesmo ano; a de Lord Warwick, em 1575; e agora a do conde de Sussex.

CULTURA

O escritor Jean Bodin, como havia anunciado a este colunista no ano passado, acaba de lançar os «Seis Livros da República», que ainda não tivemos tempo de ler. Sabemos, no entanto, que, entre outras coisas, Bodin julga severamente as opiniões de Aristóteles sobre a escravidão.

Aliás, queremos cumprimentar Jean por dois acontecimentos muito significativos, além da publicação do livro: a sua eleição como deputado para os Estados Gerais (onde brilhou) e o seu casamento em Laon.

A novela picaresca espanhola «Lazarillo de Tormes» foi traduzida este ano para o francês, provando que a popularidade do livro já atravessou os Pirineus.

O Colégio de Pernambuco inaugurou este ano o curso de casos

de consciência. Justificativa para o novo curso: grande movimento de comércio de açúcar, que, às vezes, implica dúvidas morais de difícil solução. Uma das questões debatidas nas últimas sabinas: «é lícito contratar a venda de engenhos de açúcar mais caro a crédito que a dinheiro contado?»

O navegador inglês sir Humphrey Gilbert acaba de publicar um livro no qual tenta provar a existência de uma passagem marítima para Cathay e para as Índias Ocidentais, pelo noroeste. O título do livro é «Discours de la découverte d'un nouveau passage pour Cathay».

O autor, educado em Oxford, participou do cerco de Flessingue, em 1572, e combateu na Irlanda e em Flandres.

Morreu na Bahia, de «dor de pedra», o padre João de Melo, ex-reitor do Colégio da Bahia.

O péssimo hábito de fumar nos teatros, durante a representação das peças, ainda não foi abandonado pelos ingleses: eles fumam cachimbo de argila branca, que compram durante os espetáculos, dos vendedores ambulantes. O des-

respeito aos espectadores vai mais longe: vende-se tudo dentro de um teatro em Londres, desde frutas, segundo a época de cada uma, até livros, apregoados em altos brados pelos vendedores.

O padre Brás Lourenço vai deixar a reitoria do colégio dos jesuítas no Rio. Seu substituto será o padre Pedro de Toledo.

O soldado e escritor nas horas de folga, Miguel de Cervantes Saavedra, parece que vai mesmo ficar com a mão esquerda inutilizada, em consequência dos ferimentos recebidos na batalha de Lepanto. Com muito pesar soubemos desta notícia e da que vai publicada em outro local, sobre a sua prisão.

De João Antônio Baff, poeta da corte francesa, acaba de aparecer, este ano, «Provérbios». Trata-se de uma coletânea de sátiras e reflexões morais em tom um pouco desabusado.

Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada de Ávila, ou simplesmente madre Teresa de Jesus, partiu em

agosto deste ano para Toledo, onde espera terminar seus dias. Esta decisão foi tomada depois que o cabido geral da ordem, reunido em maio do ano passado, resolveu adotar severas medidas contra as carmelitas descalças e proibiu Teresa de criar novas fundações. Suas atividades literárias, no entanto, continuam muito intensas.

Outra notícia sobre intelectual-religioso: Juan de la Cruz definiu, no dia 8 de setembro deste ano em Almodovar, o espírito de reforma pela qual ele e Teresa de Jesus lutam dentro da ordem dos Carmelitas.

O noviciado da Bahia, formado no próprio colégio de jesuítas em Salvador, terá, a partir deste ano, salas distintas dos estudantes comuns. Por outro lado, os outros aposentos dos novícios serão também separados dos demais alunos.

A Inquisição portuguesa aprovou, em novembro do ano passado, os originais do livro do sr. Magalhães Gandavo, «História da Província de Santa Cruz». Deve aparecer este ano. Nêle, o autor faz os maiores elogios à lei de 6 de janeiro de 1574 sobre a compra de índios.

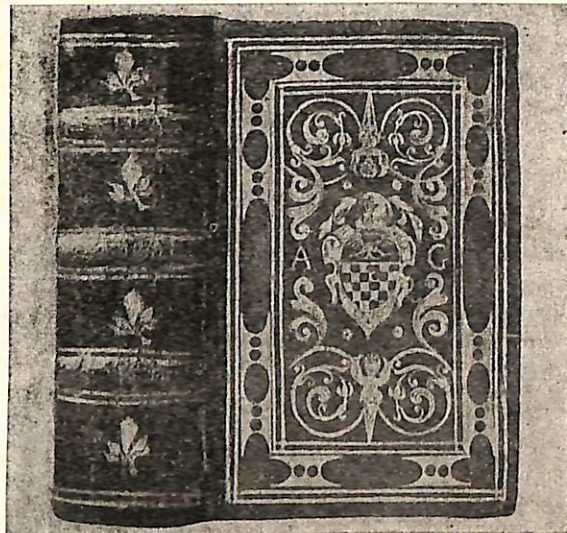
Na chegada do terceiro bispo do Brasil a Pernambuco, em maio último, o povo de Olinda, após os discursos das autoridades, prestou significativas homenagens ao prelado: fez representar em cena aberta uma interessante Ecloga Pastoral, adaptada aos costumes brasileiros.

Para acabar com inúmeros abusos, o Geral dos jesuítas no Brasil decidiu agora que só concederá ordens sacras a irmãos condutores que conheçam a língua indígena e revelem talento invulgar. De qualquer forma, ele, o Geral, sempre dará a última palavra sobre o assunto, reservando-se o direito de vetar a ordenação de qualquer pretendente.

Já estávamos encerrando a nossa coluna, quando nos chegou a notícia de que ontem, 30 de dezembro, Frei Luís de Leon foi readmitido na Universidade de Salamanca, depois de passar quatro anos na prisão. Além de ganhar a liberdade, Luís de Leon foi absolvido das acusações que lhe valeram a prisão em 1572: tradução clandestina do «Cantar dos Cantares» e menosprezo da autoridade da Vulgata.

Italiano

A «História dos Romanos», de Apiano, que acabava de aparecer em Lion.



PAÍSES BAIXOS UNIDOS EXPULSARÃO ESPANHÓIS

A MODA
COMO ELA É



GANTE, 8 novembro, 1576 (Do enviado especial de O BRASIL EM JORNAL) — As províncias do Norte e do Sul se uniram hoje, por meio de uma «pacificação», para expulsar os espanhóis dos Países Baixos. O tratado foi assinado entre os Estados de Brabante, Hainaut e Flandres — que são os mais ameaçados pelos invasores — e a Holanda e Zelândia.

Esta decisão foi tomada justamente quatro dias depois do saque de Antuérpia pelos espanhóis, que provocaram sete mil vítimas e muita indignação nos Países Baixos.

Surpreendentemente, o acordo continua admitindo Filipe II como soberano, mas exige, além da expulsão dos estrangeiros: 1 — supressão dos «placards» sobre a heresia e as ordens do duque de Alba; 2 — restabelecimento dos antigos costumes; 3 — constituição de uma federação católica no sul e protestante no norte; 4 — regularização dos negócios do país e do exercício do culto na Holanda e Zelândia pelos Estados Gerais.

REQUESENS MORTO

Luis de Requesens, que substituiu o duque de Alba, tentou acabar com o regime de terror imposto aos Países Baixos e conseqüentemente evitar o que agora aconteceu, mas Filipe II não atendeu às suas sugestões. Depois de alguns sucessos militares, o governador acabou morrendo em março deste ano.

Foi Requesens que, após o perdão geral e o cerco de Leiden, tentou, com 50 mil homens, tomar a Zelândia e bloquear os deltas. Mas diante da ameaça comum, Holanda e Zelândia formaram, no dia 11 de março deste ano, a federação de Delft, colocando-se sob a proteção de Guilherme de Orange.

JOÃO, GOVERNADOR

Com a morte de Requesens, Filipe II mandou chamar seu irmão João de Áustria, que estava em Nápoles, mas o ven-

cedor de Lepanto preferiu, contra vontade do rei espanhol, ir à Espanha, antes de seguir para os Países Baixos.

Aproveitando a ausência de um governador, um Conselho de Estado foi formado, com apenas um espanhol, para governar e tentar colocar um pouco de ordem nas Províncias.

QUER INVADIR INGLATERRA

MADRI, dezembro, 1576 — Conhecem-se agora os motivos da viagem de d. João de Áustria à Espanha: ele quer deixar amadurecer as negociações que



Luis de Requesens queria acabar com o terror nos Países Baixos, mas morreu antes.

fêz com o Vaticano antes de partir.

Segundo os planos, d. João, com as tropas espanholas dos Países Baixos, não se limitará apenas a restaurar a religião nas Províncias rebeldes. À frente de uma cruzada contra a rainha herética, d. João pensa invadir a Inglaterra, casar-se com Maria Stuart e tornar-se um grande príncipe.

Esse mirabolante plano foi revelado a Filipe II pelo secretário de Estado Antônio Perez, que recebeu a informação do secretário de d. João de Áustria, Escovedo.

Filipe II concordou com todos os itens do plano de seu irmão, mas apenas para obrigá-lo a partir sem demora para os Países Baixos.

Lei é dura mas é lei até para rei

SALVADOR, 30, dezembro, 1576 (Correspondente) — Lei é lei, mas para ser cumprida ao pé da letra.

Isso é o que deve estar pensando, agora, longe daqui, o ex-todo-poderoso Sebastião da Ponte, padrinho de mais de 500 índios na Bahia e homem importante nesta cidade e arredores.

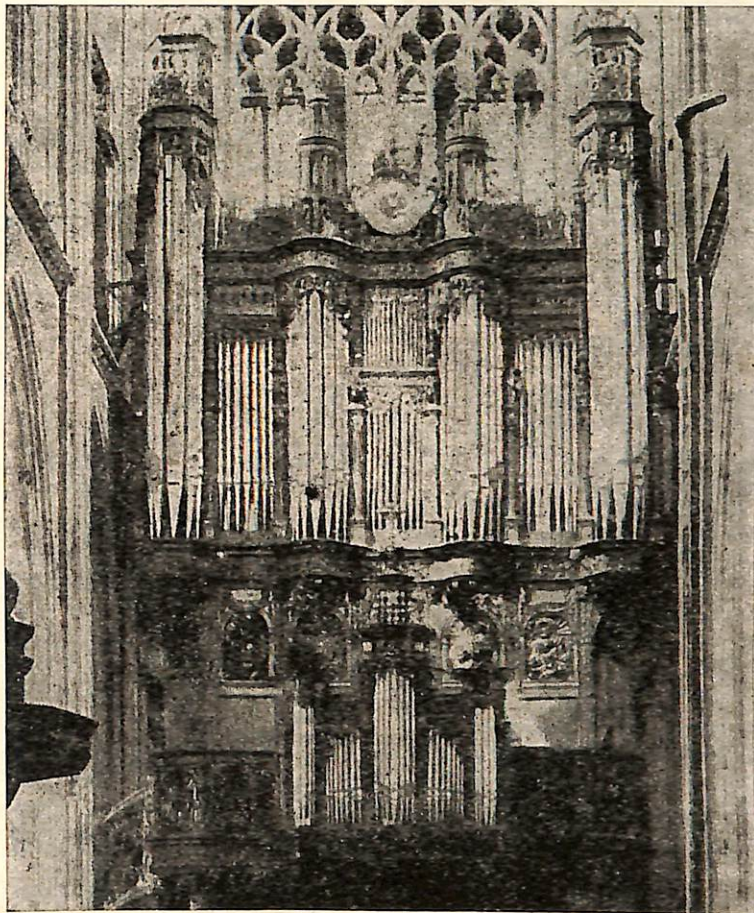
Sebastião mandou marcar um desafeto a ferro em brasa. Os padres, o bispo, o governador, a justiça, a chancelaria e o próprio rei D. Sebastião de Portugal tiveram de enfrentar uma enxurrada de requerimentos para que a lei fôsse rigorosamente cumprida.

O fato se deu no começo do ano, por motivos ignorados. O inimigo de Sebastião da Ponte, com a marca ainda recente nas espáduas, queixou-se à justiça baiana, que decretou a prisão do culpado.

Vendo-se em perigo, Sebastião pediu e obteve asilo na igreja de Nossa Senhora da Escada, dos Jesuítas. O queixoso solicitou sua extradição. O governador Luís de Brito e Almeida a concedeu. Os padres da Companhia de Jesus apelaram para o bispo D. Antônio Barreiros, alegando isenção canônica do local do asilo. Enquanto os policiais retiravam Sebastião da igreja, o bispo mandou uma representação contra o governador às autoridades eclesiásticas de Lisboa. O queixoso, ante a possibilidade de ficar sem efeito a punição do criminoso, embarcou para Portugal e foi mostrar suas cicatrizes ao rei D. Sebastião.

A justiça baiana teve, por sentença, de devolver Sebastião da Ponte aos jesuítas, e o Tribunal de Lisboa deu um pito nos magistrados brasileiros que haviam passado por cima das prerrogativas eclesiásticas. Em seguida, na forma da lei, pediu ao bispo D. Antônio que remetesse o criminoso para julgamento em Portugal.

É o que, agora, Sebastião está esperando na prisão do Limoeiro, na capital portuguesa, depois de longo e movimentadíssimo pleito criminal. Lei é lei.



Este órgão, que é um dos mais bonitos da França, está em Saint-Maclou, em Rouen. A capital da Normândia continua sendo um intenso centro intelectual e musical.

Franceses chiques estão usando roupas que agradem a seu rei: calção justo, sapatinha, casaco colante e uma espécie de saio grego mas bastante curto.

Com esta indumentária, os cortesãos franceses estão escandalizando toda a Europa, mas Henrique III está satisfeito: os salões galantes de Paris parecem habitados apenas por meninos lépidos.

— A velhice, disse-nos um velho ex-servidor de Francisco I, desaparece como por encanto sob roupagens tão leves. Ficamos todos moços na França, concluiu, ajeitando sua gorjeira de arame e repondo cuidadosamente o pingente no meio da testa.

Os homens, não importa a classe a que pertençam, por influência do próprio rei Henrique III, estão lançando a moda dos perfumes e cosméticos para corrigir imperfeições da pele. Por outro lado, sabe-se que muitas figuras das altas rodas parisienses dormem de máscara e luva, para proteger rosto e mãos. Algumas pessoas chegam ao exagero de depilar sobrancelhas e bigodes.

Tal como as mulheres, é elegante nos salões os homens aparecerem com pó nos cabelos, muitas jóias, inclusive pingentes nas orelhas.

Um alto funcionário da corte garante-nos que Henrique III detesta as barbas.

Última palavra em penteados femininos na Espanha: fronte livre, cabelos ligeiramente frisados ou ondulados e armados em suporte de arame.

É elegante, em Madri, a mulher ter permanentemente nas mãos, enluvadas, um lenço de linho puro e rendado. Sobre luvas: de couro e perfumadas.

De ano para ano, aumenta o tamanho das saias-balão das mulheres inglesas. O mesmo vem acontecendo com a gorjeira (enfeite que se usa em torno do pescoço).

Por outro lado, artigo que vem tendo grande aceitação entre as elegantes é o espartilho de aço. Não é muito cômodo mas, conjugado com a saia-balão, dá uma silhueta bastante delgada às mulheres inglesas.

MÚSICA

A música está na véspera de uma revolução que a popularizará.

Quem pensa assim é Angelo Gardano, editor de música em Veneza e filho do grande compositor e também editor Antônio Gardano.

No próximo ano o povo encontrará, de modo muito mais simples, as músicas de que gosta, explicou-nos Angelo. Vou lançar as composições de grandes autores em partituras isoladas. Até agora, quem quiser uma missa de Palestrina, por exemplo, tem de comprar grossos volumes, às vezes contendo música de qualidade inferior.

Além da facilidade para consulta, Gardano acredita que conseguirá interessar muita gente na boa música.

Giovanni Piccioni, compositor italiano de Rimini, será no próximo ano, professor de música na Academia Musical dos Desiosi de Conegliano. Giovanni é considerado, presentemente, um dos maiores organistas da Itália.

Giovanni Nanino, que assumiu no ano passado a direção da capela de São Luís dos Franceses, é aluno de Palestrina. Ao que se fala, é a pessoa mais indicada para substituir o mestre quando este se aposentar na direção da Santa Maria Maior.

Christophe Plantin, editor e impressor francês de Anvers, pretende brevemente inaugurar uma sucursal de sua oficina em Leyde, na Holanda.

Por outro lado, Plantin está preparando, agora, uma coletânea das missas de Georges de la Hèle.

Antonio Riccio, ex-mestre de capela de Bréscia e atualmente na corte de Koenigsberg está coligindo seus motetos para lançá-los até o próximo ano, em livro.

Nicolas Millet, que há oito ou nove anos compôs, em homenagem de Carlos IX, os «Provérbios de Salomão», para quatro vozes, sendo nomeado mestre da capela real deverá, a partir do próximo ano, ficar incumbido de recrutar no interior do país (França) meninos cantores para o coro da capela.

Dois viúvos vêm sendo comentados com muita insistência pela sociedade londrina: Lettice Knollis, condessa de Essex, e Roberto Dudley, conde de Leicester. Eles se conheceram o ano passado, no domínio de Kenilwort (um presente da rainha Elizabeth a Leicester) onde o conde organizou uma brilhante festa a que compareceu a melhor sociedade da Inglaterra.

Como político e general, Dudley nunca teve expressão; mas como conquistador amoroso, suas façanhas de há muito encham a Córte, que já comentou escandalizada os seus amôres ilícitos com a baronesa de Sheffield e o seu favoritismo junto à rainha Elizabeth, com quem, aliás, pretendeu casar-se — e este casamento não realizado deve ter sido o motivo do fim misterioso de sua mulher, Amy Robsart, que morreu em 1580, vitimada por um tombo.

O sr. Henrique de Guise está sendo chamado de o «Balafré», por causa da cicatriz que lhe deixou no rosto um profundo ferimento recebido durante a batalha de Dormans, no ano passado.

Ana de Áustria, rainha de Espanha, propôs à rainha-mãe de Portugal, d. Catarina, o casamento de Isabel de Áustria, sua irmã, com o rei português d. Sebastião. Isabel, que era mulher do Carlos IX de França e está viúva há dois anos, cortou as negociações. Ela não quer mais saber de casamentos; vai retirar-se para o convento que fundou na Alemanha.

O papa Gregório XIII acaba de conceder permissão para que se fundem confrarias religiosas no Brasil e nas Índias. No Brasil já funciona, há dois anos, na Bahia, a do Santíssimo Sacramento.

As primeiras palavras que o fugitivo Henrique de Navarra disse depois de ultrapassar o Loire foram:

— «Louvado seja Deus que me libertou».

E em tom irônico:

— «Lamento apenas duas coisas que deixei em Paris: a missa e minha mulher».

Confessou a seguir que podia passar muito bem sem a primeira; mas quanto à segun-

da, não. Henrique quer rever Margot.

Ainda sobre Margot:

O que mais impressionou aos participantes da reunião dos Estados Gerais, em Blois, foi a beleza e a majestade de Margarida. Aliás, sua beleza, sua cultura e sua inteligência são decantadas em todo o mundo e muito impressionaram os embaixadores da Polônia que vieram buscar Henrique, duque de Anjou, eleito rei pela Dieta. Nessa ocasião ela discursou em latim e foi apelidada de Minerva, tão grande o seu desembaraço ao conversar nessa língua com o bispo de Posen.

Filipe II está com muito ciúme do prestígio que o seu irmão por parte de pai conseguiu depois de Lepanto e Tunis. Na verdade, d. João da Áustria está aparecendo como o verdadeiro filho do imperador Carlos V. Talvez seja por isso que Filipe classifica os

projetos do irmão de «poéticos e irrealizáveis».

O «esquadrão volante» que Catarina de Medicis formou com as mulheres mais belas de Paris, sofreu, no dia 3 de fevereiro deste ano, sua primeira derrota, e a principal responsável foi madame de Sauve, mulher do barão do mesmo nome.

Esta bela senhora fôra designada por Catarina de Me-



Margarida de Navarra, tão inteligente quanto dissoluta, encanta pela graça e pelo espírito. Sua beleza é das maiores — e antiga. Ela, em uma foto de família, feita há alguns anos.

dicis para, através de favores a Henrique de Navarra, conseguir dele o máximo de segredos. Ela foi pródiga em carinhos mas acabou sendo enganada por quem deveria enganar.

Henrique fugiu da Córte e madame de Sauve, envergonhada com o seu insucesso e temerosa da vingança da rainha-mãe, ficou vários dias sem sair do quarto.

Mas Catarina nada fez.

Ouvimos há dias um acalorado debate entre duas damas da sociedade parisiense sobre a heróica resistência de suas colegas de La Rochelle, que combateram com mais fúria do que os homens, lançando mão de expedientes como a gordura quente, ferro em brasa etc.

Uma das senhoras exaltava a bravura das mulheres de La Rochelle; a outra defendia a tese de que «mulher não se mete em assunto de homem».

Ela nasceu com o nome de Ana de Mendonça e trouxe do berço toda a sua fortuna, herdada de seu pai, Diego Hurtado de Mendonça, e de seu avô, o conde de Cienfuentes. Sua fortuna explica o fato de ter-se casado em tão baixa idade que teve de esperar alguns anos para poder consumir o casamento. Mas, apesar de ter ficado casada apenas 14 anos, deu ao seu marido, o príncipe de Éboli, de quem ficou viúva em 1573, nada menos do que 10 filhos. Com a morte do marido, Ana, que já então era Gomez da Silva, ingressou em um convento de Carmelitas, em Pastrana.

Pois bem: esta dona Ana saiu do Convento e voltou a frequentar a córte de Espanha, onde vem despertando um vendaval de paixões dos quais não se livrou, segundo se murmura, Antonio Perez, um dos protegidos de seu marido. Ela tem 36 anos e ainda é bela; seu rosto, de feições corretas, algo enigmático e atraente, em que pese a perda de um olho — que dissimula tapando com uma fita negra — revela um interior dos mais veementes.

Áustria de luto: morre imperador

RATISBONE, 12, outubro, 1576 (Correspondente) — Recusando os últimos sacramentos da Igreja Católica, morreu hoje, nesta cidade, aos 49 anos de idade, Maximiliano II, da Áustria.

Acusado de luterano pelos católicos, e de católico pelos luteranos, Maximiliano morreu sem que se pudesse saber, ao certo, os motivos determinantes da política que seguiu, não apenas em relação aos protestantes, mas também em relação aos turcos.

VACILANTE E DÚBIO

Vacilante e dúbia foi sua política religiosa: não aplicou as decisões do Concílio de Trento mas manteve a reserva eclesiástica de Augsburg — o que impediu aos senhores apoderar-se dos bens da Igreja.

A mesma vacilação demonstrou em sua política externa: fracassou ao tentar restabelecer a influência da Áustria na Transilvânia e na Polônia.

Em 1552, ao cingir a coroa imperial, declarou-se católico; mas demonstrou, publicamente, grande inclinação para os protestantes.

ALEMÃO SEMPRE

Maximiliano era filho primogênito de Fernando I e Ana Jagellom. Nasceu em Viena, a 31 de julho de 1527 e desde sua juventude demonstrou inclinações para o protestantismo. Em 1544 entrou para o serviço de seu tio Carlos e com ele participou, dois anos após, da guerra da Esmalcada; e já no período de 1547/48 foi membro da Dieta de Augsburg. Neste último ano exerceu, por influência do príncipe Fi-

lipe, a regência da Espanha. Mas sua conduta na córte espanhola e seus contactos com o tio e primo não influíram em sua formação: Maximiliano sempre se considerou alemão.

IMPERADOR ENFIM

Com a morte do pai, a 25 de junho de 1564, tornou-se imperador da Alemanha, rei da Boêmia e da Hungria e das duas Áustrias — com exceção do Tirol, Caríntia, Estíria e Carníola, que ficaram com seus dois irmãos.

Os protestantes saudaram-no com grande entusiasmo, mas não ficaram de todo satisfeitos em suas esperanças; o imperador conseguiu um grande crédito em dinheiro para empreender a guerra contra os turcos, mas as operações militares foram interrompidas pelo tratado de Andrinópolis (1568) que, embora humilhante para a Áustria, assegurou a paz em suas fronteiras.

Maximiliano foi fiel a esse tratado, negando-se mesmo, a participar da cruzada católica que conseguiu a brilhante vitória de Lepanto.



Numa fotografia exclusiva para «Em Sociedade», dona Ana Mendonça, princesa de Éboli. Bonita — e possuidora de milhões — e voluntariosa, vem despertando paixões na córte de Filipe II.

França católica quer um só culto

BLOIS, 6, dezembro, 1576 (Do enviado especial de O BRASIL EM JORNAL) — A maioria dos 362 deputados (apenas um representava os protestantes) que compõem os Estados Gerais, reunidos hoje na residência real de Blois, pronunciou-se pela supressão do culto reformado, mas «pelos meios mais pacíficos e santos», isto é, sem guerra. «A França deve ter somente uma fé e uma lei», esta a divisa.

O Clero e a nobreza defenderam a unidade religiosa, enquanto o Terceiro Estado ficou dividido em «bureaux», que correspondem às províncias. No «bureau» de Ile-de-France uma controvérsia surgiu entre Pierre Le Tourneur e o deputado de Vermandois, Jean Bodin, que se declarou partidário do livre concílio. Outra decisão importante foi a abolição do Édito de Beaulieu, que quase estabeleceu a igualdade entre católicos e protestantes.

A «PAZ DE MONSIEUR»

O resultado da reunião dos Estados Gerais anulou as vantagens que os protestantes haviam conseguido em consequência da paz que o rei foi obrigado a assinar em Beaulieu, perto de Loches, no dia 7 de maio deste ano, para evitar que os protestantes devastassem outras cidades, como fizeram com Champagne e Bourgogne.

A paz ficou sendo chamada de Monsieur porque um dos maiores beneficiados do acórdão foi justamente o irmão do rei Henrique III, Francisco, duque de Alençon, que recebeu um rico apanágio: Anjou-Touraine-Berry.

Aos protestantes, a autoridade real concedeu o Édito de Beaulieu, que lhes dava vantagens como nunca haviam conseguido: liberdade de culto por toda a parte, com exceção de Paris e das localidades por onde costuma passar a Corte; e oito praças de garantia.

Poderiam ainda construir templos, escolas, organizar assembleias, seriam admitidos em todos os empregos e obtinham no Parlamento câmaras compostas com a metade de católicos.

Damville conservava o governo de Langedoc, Navarra e Guiana e o príncipe de Condé, a praça de Saint-Jean-d'Angély.

A LIGA CATÓLICA

Mas os católicos viram que assim os calvinistas não poderiam ser eliminados da França e acharam que o país fora abandonado pelo rei. Resolveram então formar uma liga que respeitaria a autoridade do rei, mas não admitiria uma ofensa à Igreja, como a que viam na «paz de Monsieur».

No dia 8 de junho último, a Santa-Liga nasceu em Picardia, quando o governador de Péronne, apoiado pelos habitantes, se recusou a ceder a Condé esta praça forte, que vinha de lhe conceder a paz de Beaulieu.

DE GUISE, O CHEFE

O grande, louro e popular Henrique de Guise, o «Balafré», filho de Francisco, o vencedor de Metz, foi proclamado chefe da Liga Católica. Ele divide com Catarina de Medicis a responsabilidade da Noite de São Bartolomeu e surge aos olhos do povo como predestinado para salvar o reino francês, onde ele é mais rei que o próprio rei.



Filósofo combate o ensino oficial

ROMA, dezembro, 1576 (Sucursal) — O universo, composto de astros e mundos inumeráveis, é Deus, início e fim de todas as coisas.

Assim pensa um napolitano de 28 anos, recém-expulso da ordem dos dominicanos por tentar conciliar a teologia cristã com a filosofia neo-platônica. Seu nome civil é Filipo Bruno e, para a Igreja, Biordano Bruno.

Filipo, que vive aqui como vagabundo depois de sua expulsão da ordem, é doutor em teologia. Formou-se no ano passado.

— Era um atormentado pelos problemas de exegese bíblica e fui acusado de heresia, por isso tive de deixar Nápoles, diz-nos.

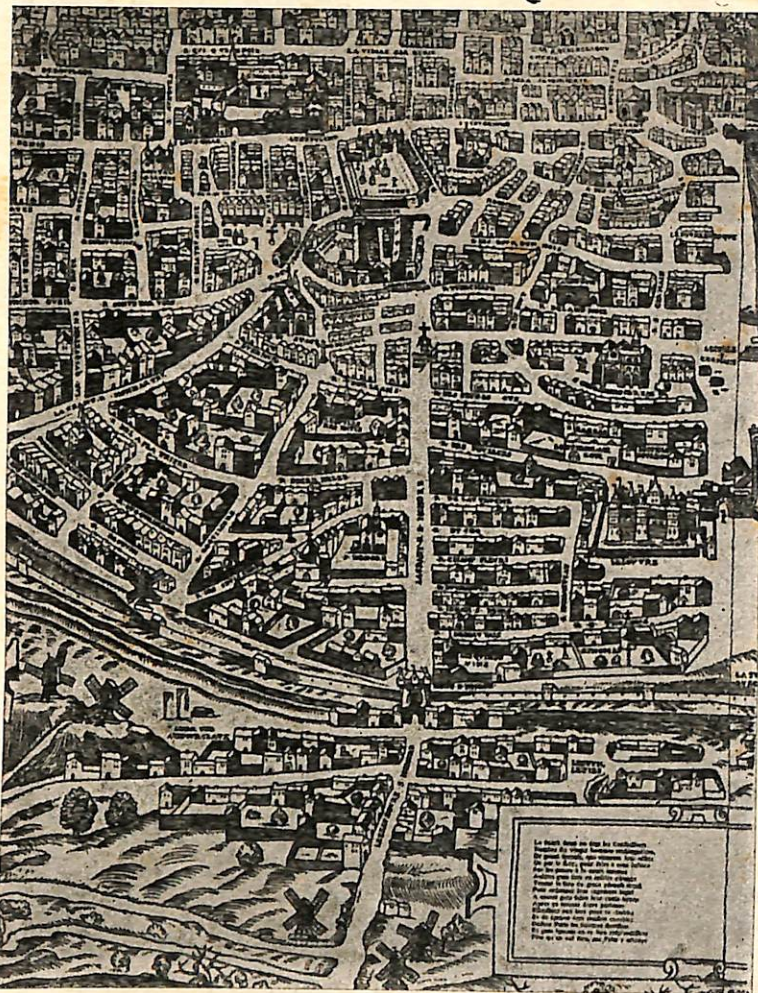
O jovem filósofo é contra todo ensino oficial, por pernóstico em demasia. Além disso, tem outras antipatias:

— A lógica do pobre Aristóteles oponho a de Raimundo Lulle. À astronomia de Ptolomeu prefiro a de Copérnico.

Bruno, que saiu de Nápoles carregando apenas alguns livros de Lucrécio, está desempregado mas não desesperado. Espera colocar-se em breve como professor de Filosofia. Para isso, argumenta com a tese com que combate a física aristotélica.

— A terra gira e as pessoas mudam. Pode acontecer que quem hoje me combate, amanhã esteja de meu lado. E, concluindo:

— Graças a Deus, o mundo nem é finito nem incorruptível como pensava Aristóteles, mas é infinito e está todo dia mudando.



PARIS E SEUS QUARTEIRÕES

Neste fragmento de mapa desenhado pelo sr. Truschet, no ano passado, e que acaba de chegar à nossa redação, estão dois dos mais importantes «quartiers» da Paris de nossos dias: Louvre e Inocentes. No lado direito do documento está o rio Sena e no centro do mapa a rua Saint-Honoré.

Ataque a índios destrói igrejas

RIO REAL, Sergipe, 1576 (Urgente) — Milhares de índios escravizados, a morte de um chefe amigo dos jesuítas e a destruição de pelo menos duas igrejas — eis o balanço da guerra que o governador do Norte do Brasil, sr. Luís de Brito, resolveu fazer aos índios do Rio Real, entre Bahia e Pernambuco.

A guerra foi tramada à revelia dos jesuítas que, como anunciamos em nossa edição anterior, aqui se estabeleceram com o capitão Garcia D'Avila.

Em meados do ano, Salvador fervilhava de boatos. Dizia-se que os jesuítas Gaspar Lourenço e João Solônio, fundadores das igrejas de São Tomé, Santo Inácio e São Paulo, corriam o perigo de ser enforcados pelos índios.

As autoridades da Bahia enviaram emissários (padre Grã e outros) às fundações de Lourenço e Solônio, para constatar *in loco* o que se passava. Segundo Grã, a situação era perfeitamente normal. Em seu regresso a Salvador, pediu mesmo que mandassem mais jesuítas para ajudar o trabalho pioneiro de Solônio e Lourenço.

O governador, contudo, atendendo ao que lhe aconselhavam os proprietários interessados em fazer escravos, organizou uma expedição que partiu sigilosamente de Salvador em novembro e foi acampar às margens do Rio Real em fins do ano passado.

Em consequência do ataque, os índios que ajudavam os jesuítas se levantaram contra as tropas, comandadas pelo governador.

Surubi e Tipitã, chefes índios, comandaram a resistência aos brancos e foram chacinados.

Milhares de índios foram aprisionados. Com a ajuda de Gaspar Lourenço e Solônio iniciou-se uma longa marcha rumo à Bahia, onde os remanescentes das tribos estariam mais seguros.

VANDALISMO

Lourenço, revoltado contra o ataque desnecessário e injusto, contou-nos o que foi a retirada pelo sertão baiano.

— Os pais traziam os filhos às costas. Comigo, veio uma velhinha de 100 anos que pediu, ao se sentir extenuada, que a abandonasse aos soldados. Disse-lhe que não o faria nem que tivesse eu mesmo de a carregar. Foi um ato de vandalismo inominável o que se fez aos pobres índios. Espero que o rei de Portugal condene esses atos de barbárie. Os selvagens mostraram mais sentimento humanitário que os brancos. Muitos inimigos das tribos atacadas ajudaram a curar as feridas dos retirantes, como se fossem velhos amigos.

Concluindo, disse Lourenço que o ataque teria péssimo efeito para os jesuítas, pois os índios que fugiram acreditaram que os religiosos arquitetaram plano de guerra.

Pibrac na academia de Carlos IX

PARIS, dezembro, 1576 (Sucursal) — Depois de ter funcionado quase cinco anos, a Academia de Carlos IX, cuja existência foi ameaçada com a morte do rei (1574), tem agora um novo «Entrepreneur»: Guy du Faur de Pibrac.

Pibrac assume suas novas funções com maiores atribuições e mais força. A Academia terá agora como modelo suas congêneres da Itália e com a vantagem de receber, pelo que se informa, apoio real como nunca recebeu, pois o rei Henrique é um entusiasta da Casa e considera-se o seu protetor.

O rei quer também que um novo nome seja dado definitivamente à Casa de Carlos IX — Academia do Palácio — e que entre as matérias ali estudadas estejam a Filosofia, a Moral, a Retórica e a Poesia, transformando, assim, estes estudos no principal objetivo da Academia.

Pibrac confessou-nos também que irá, com a permissão real, fazer outras modificações na Academia, mas negou-se a revelar quais são.

Portugal procura soldados e rainha

GUADALUPE, Espanha, 22, dezembro, 1576 (Correspondente) — O rei de Portugal, D. Sebastião, e seu tio, o rei de Espanha Filipe II, encontraram-se hoje nesta cidade, sob aclamação popular, para estabelecer as bases de um acórdão ofensivo contra os mouros marroquinos.

Um porta-voz do soberano português revelou-nos que Sebastião traz em sua agenda duas propostas para a entrevista com Filipe II.

— Sua Majestade, disse-nos um membro da comitiva portuguesa, vai pedir em casamento a filha mais velha de Filipe, a princesa Isabel Clara, e mais o auxílio de 5 mil soldados para atacar o Marrocos, cindido entre vários pretendentes ao trono.

O sr. Antônio de Toledo, delegado do rei Filipe II, adiantou que possivelmente D. Sebastião fracassará em ambas as pretensões:

— Não creio que meu rei consinta no noivado imediato

da princesa, que é o que deseja D. Sebastião.

Sobre o envio de expedicionários espanhóis na projetada luta no Norte da África, disse:

— Os portugueses temem que Abde-Almelique, aliado dos turcos, vença a disputa pelo trono marroquino. O rei Filipe II não vê perigos em sua vitória. Almelique, se vencer, deverá conservar-se desligado dos turcos, sob risco de perder o reino.

Concluindo, adiantou o diplomata que Filipe II tentou suspender o encontro de Guadalupe ao saber da morte do imperador Maximiliano II, mas D. Sebastião não concordou.